

## POR UM POUCO DE LOUCURA NA HISTÓRIA ORAL

Jackeline Silva Lopes

Mestranda em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

(Jack.lopes.lacerda@gmail.com)

*Certa feita, um jovem fazia sua caminhada matinal em um parque quando avistou um homem aparentemente saudável, com cerca de 30 anos e muito bem vestido, em pé, em frente a uma árvore, animadamente conversando com ela. Sua expressão era de um homem de mente sã, mas “conversando com uma árvore?” Aproximou-se então e, não resistindo, perguntou: “O senhor está louco? Está há vários minutos conversando com esta árvore?”. Para a sua surpresa, ele o respondeu: “Louco eu estaria se ela não me respondesse!”*

Esta breve história, de autor desconhecido, já foi fruto de diversos questionamentos. Na área da psicologia, por exemplo, já se questionou: seria o homem louco por conversar com a árvore? Louco por ouvir ela falando? Ou sua atitude seria lógica, tendo em vista que ele fala e escuta, estabelecendo assim uma comunicação, mesmo à revelia dos ditos “normais”? Meu olhar de “Historiadora”, porém, levou-me a outros questionamentos: se um dos personagens dessa história fosse um “historiador”, que personagem seria? O jovem, que julga o sujeito por não entender a lógica do diálogo que existe entre ele e a árvore? A árvore que, na sua “objetividade”, ouve silenciosamente o sujeito que fala à sua frente? Ou o homem que, mesmo a descrédito dos outros, consegue ouvir algo/alguém até então sem voz e admite estabelecer um diálogo com este algo/alguém?

A historiografia da História Oral, por sua vez, nos leva a acreditar que, no universo acadêmico, encontramos historiadores atuando nos três papéis. Isto se tornou latente nas discussões travadas na disciplina “Tópicos em Cultura e linguagens: escrita, oral e iconográfica”, ministrada pelo professor Charles Santana, no Mestrado de História da UEFS. O pequeno grupo que a compunha, vez ou outra retornava à velha discussão: afinal, o que é História Oral? Seria uma fonte? Uma metodologia? Um modo de fazer História? Uma história à parte?

Confesso que, por vezes, considerei esta discussão secundária. Às vezes me questionava: “por que não fazemos logo a omelete, ao invés de ficarmos tentando adivinhar quem nasceu primeiro: se o ovo ou a galinha?” Não compreendia, porém, que da definição do que para nós era História Oral dependia o tratamento metodológico a ser dado às fontes.

É comum – embora hoje menos do que ontem - no meio acadêmico, por exemplo, existirem historiadores que olham a história oral com desdém e/ou preconceito. Estes tendem a ver as fontes orais com desconfiança, alegando serem elas subjetivas, pouco confiáveis – por basearem-se na naturalmente falha memória – e, por isso, de veracidade questionável. Alguns até consideram a possibilidade de uso dessas fontes, mas sempre com “o máximo de objetividade possível” e como complemento a outras. Neste caso, posicionam-se como o jovem que julgava impossível haver diálogo entre o homem e a árvore, por não compreender a imensa possibilidade de interações possíveis entre o historiador e as fontes orais, tendo em vista que essas interações não se enquadram dentro de sua lógica científico/racional.

Segundo Joutard (2006), desde a década de 1970, este posicionamento tem se tornado cada vez menos freqüente, tendo em vista que a história oral vem sendo progressivamente aceita no meio acadêmico, principalmente após a expansão da 4ª geração dos Annales, na década de 1990, por possibilitar os estudos sobre novos temas, como a História do cotidiano, do trabalho, da militância, da identidade e da vida afetiva das mulheres, dos fenômenos migratórios e da memória. Percebe-se, porém, que muitos militantes da História Oral, que usavam o escudo do preconceito para justificarem-se enquanto história alternativa, estão preocupados com esta crescente inserção no meio científico, temendo a banalização da história oral.

Para Joutard, este receio não se justifica, pois “os desafios são suficientemente numerosos para evitar o embotamento da história oral e sua banalização” (2006, p. 59). Entretanto, pelo menos no Brasil, há uma série de trabalhos que se limitam a transcrever depoimentos orais e os chamam de história oral, bem como trabalhos que dão às fontes orais o mesmo tratamento dado às fontes escritas. Estes se posicionam como a árvore na história anteriormente mencionada, ao olhar com frieza e “objetividade” aquelas fontes, sem interagir com elas, limitando-se a “ouvir” e com uma escuta deficiente, já que desconsideram as especificidades destas fontes apontadas nos estudos de Tânia Gandon

(2005), Alessandro Portelli (2006), Walter Benjamin(1994), Paul Zumthor(1997) e Michael Le Ven(1997).

Estes últimos, por sua vez, fazem parte de uma nova geração de historiadores orais (a 4ª), que assume defender a subjetividade da oralidade e a fragilidade da memória e consideram que essas características, ao contrário do que muitos pensam, só têm a contribuir para a historiografia. A proposta é, ao invés de se tentar camuflar, assumir as suas fragilidades e trabalhar os efeitos disto a seu favor. Neste sentido, aproximam-se do homem de 30 anos, por acreditarem no que, para os outros, parecia impossível: ouvir e, principalmente, dialogar com as fontes, colocando-se também como sujeito ativo da pesquisa.

Retornando ao meu dilema e lento despertar na disciplina “Tópicos em Cultura e linguagens: escrita, oral e iconográfica”, me recordo que iniciei a disciplina defendendo que as fontes orais eram apenas mais uma fonte, à qual deveria ser dada a mesma atenção e cuidados que às demais. Posteriormente, o contato com os estudos dos pesquisadores da 4ª geração da história oral me fez perceber que as fontes orais, por lidarem com seres humanos “de carne, osso e sangue nas veias”, com suas emoções, intenções e sentimentos, requerem instrumentos de coleta e interpretativos diversos e específicos, o que me leva a concordar com Tânia Gandon, em oficina realizada na UEFS, ao afirmar que a História Oral são formas de se fazer História com fontes orais, não se limitam a uma única forma, nem se sobrepondo às demais. Enfim, nem melhor, nem pior: apenas diferente, exigindo cuidados e metodologias diferenciados.

A partir desta percepção, reorganizei todo o meu processo de coleta e análise da pesquisa que venho desenvolvendo no Mestrado de História da UEFS intitulada “Na sala de espelhos: professores de História entre representações e identificação com a profissão (Feira de Santana, 1986-1991)”. A primeira mudança diz respeito à forma de ver os entrevistados. É muito comum, e simplifica o trabalho de análise, vê-los como sujeitos capazes de se transportar no tempo para o passado e rememorar-lo exatamente como ele se deu. Entretanto, este sujeito está situado num lugar e num tempo diverso do rememorado, sendo seu discurso atual fruto do contexto em que vive, do grupo social do qual faz parte hoje (e que ajudou a construir sua memória coletiva), da reflexão que fez sobre sua experiência nos anos que se seguiram após o acontecimento. Logo, a narrativa que ora é construída é o resultado da combinação entre o passado rememorado

e a interpretação do presente. Vale destacar que os grupos dominantes na sociedade em que ele vive, tendem a selecionar o que deve ser lembrado (que vira tradição) e o que deve ser esquecido pelo coletivo, a fim de garantir a manutenção da estrutura social atual. (ZUMTHOR, 1997, pp. 14-15)

Acrescente-se ainda que, como nos mostra Walter Benjamin (1994) este sujeito lhe fala através de uma narração, e esta última é uma arte (enquanto produção humana) que tem uma função utilitária: transmitir um saber para as próximas gerações. Por conta desta função, o narrador se cerca de intencionalidades em preservar o discurso que lhe interessa e em “esquecer” o que não contribuirá para este objetivo final, imprimindo nela a sua marca.

Por outro lado, a produção da narrativa não se dá exclusivamente pelo entrevistado, mas na interação entre entrevistado e entrevistador e, neste processo, eles compartilham expectativas, experiências, emoções, o que não se dá sem envolvimento pessoal, reflexão sobre o outro e auto-reflexão. Segundo Michael Le Ven (1997), estas características tornam o momento da entrevista único, onde pesquisador e pesquisado fazem história, pois criam representações mútuas, interagem, afloram emoções, refletem sobre suas vidas e sua identidade, etc.

Tendo estas considerações em mente, parti para a preparação deste “momento único” que é a entrevista. Esta fase incluiu a elaboração de um roteiro prévio para a entrevista, do estabelecimento de um contato preliminar com os entrevistados (feito, na sua maioria, por telefone), da escolha pelo local da entrevista (à exceção de uma, em locais confortáveis e que contássemos com pouca intervenção) e, principalmente, o trabalho interno visando aprender a ouvir, a controlar minhas impulsivas emoções – principalmente considerando a experiência de Alistair Tompson(1998) que, semelhante à minha, envolve sua identidade com o tema, afinal, estudo as representações de uma categoria da qual faço parte: a das professoras de História.

No momento da entrevista, por sua vez, outros cuidados foram importantes. O primeiro deles foi tentar diminuir a distância entre, tomando como empréstimo o termo usado por Michael Le Ven (1997, p. 215), o “desconhecido ser dotado de uma autoridade acadêmica”, como possivelmente eu era vista naquele momento e o entrevistado. Isto resultou numa descontração que foi fundamental para o bom êxito do

trabalho. Aproveitei este momento para introduzir o tema da pesquisa, o objetivo da entrevista e os mecanismos de coleta e análise.

Iniciada a entrevista, na qual fiz uso de gravador, lembrei-me das importantes colocações de Alessandro Portelli (1997) sobre “a oralidade das fontes orais”, de modo que busquei registrar todos os complementos da fala (gestos, emoções, velocidade, ritmo, significados, etc.). A leitura de Michael Le Vem (1997) e Alistair Thompson (1998), por sua vez, permitiu que me portasse de forma mais espontânea, pois levou-me a considerar-me parte da entrevista e a entregar-me a esta experiência sem constranger-me da minha explícita subjetividade. Para além dos ganhos da pesquisa, sinto que as entrevistas geraram crescimento mútuo: entrevistadora e entrevistados refletiram sobre suas trajetórias, suas escolhas, suas frustrações, seus anseios e seus medos. Ambos compartilhamos risos e, em alguns casos, lágrimas. Enfim, ambos saímos transformados – sem nenhuma pretensão, nem vaidade.

É importante registrar, porém, alguns “tropeços” que afetaram no resultado de algumas partes da entrevista:

- Em dois casos, a presença de outras pessoas na sala, acompanhantes dos entrevistados, influenciou no resultado da entrevista;
- Em um caso, o calor e o horário inadequado (fim de tarde), aceleraram o término da entrevista;
- Seria preciso dividir a entrevista em dois momentos, considerando a quantidade de informações solicitadas. As entrevistas duraram, em média, uma hora e quarenta minutos, tornando-se cansativas.
- Em alguns casos, minha intervenção cortou o raciocínio do entrevistado, de modo que muito se perdeu nesses “cruzamentos”.

Apesar disso, a riqueza do material coletado é inquestionável. Teve início, então, a etapa mais difícil no trabalho com as fontes orais: a transcrição e análise dos dados. Seguindo às orientações de Tania Gandon (2005) e Alessandro Portelli (1997), busquei tentar traduzir no papel o impossível: a oralidade. Para isto, fiz uma ficha catalogal do entrevistado e da entrevista, descrevendo detalhes desta última (local, acontecimentos, etc...) Na transcrição, em se tratando de professores, que prezam pelo uso da escrita correta e não gostariam de ter seus erros na fala publicizados, procurei fazer correções ortográficas e retirar os vícios de linguagem excessivos (aí, né, assim...). Procurei,

porém, registrar na transcrição os ritmos e as velocidades (inserindo a pontuação a partir da fala e não das regras gramaticais), os gestos, as emoções, os risos, as intervenções, etc. Esses detalhes, por vezes, auxiliaram na interpretação.

Quanto à análise, foram observados os significados dados a cada palavra e termo pronunciado com muita frequência e/ou ênfase, as tentativas de fugas e/ou os esquecimentos e suas intencionalidades, os discursos “prontos”, ou seja, que se repetem e que fazem parte da memória coletiva. Buscou-se, ainda, valorizar a subjetividade e considerar as influências do presente.

A partir dessa experiência foi possível perceber que a riqueza no trato com as fontes orais está justamente naquilo que alguns historiadores, por ignorância ou por hipocrisia, ainda desprezam: a subjetividade, a humanidade, a sensibilidade e o envolvimento dos indivíduos que dialogam na entrevista. Seja esta vivência denominada de história oral, ou apenas história com uso de fontes orais, faz-se necessário tirar as máscaras, libertar-se do ranço positivista que ainda nos engessa e entregar-se sem medo ao novo. Enfim, é preciso arriscar conversar com o “objeto”, falar e deixar-se ouvir. E quanto àqueles que nos condenarem como loucos, lembre-se: “loucos seríamos se eles não respondessem”. Felizmente não corremos esse risco.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- GANDON, Tânia Risério d'Almeida. “Etnotexto e Identidade Cultural na construção da memória”. In.: **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, V. 14, nº 23, jan/jun, 2005, pp. 227-233.
- JOUTARD, Philippe. “História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos”. In.: Ferreira, Marieta Moraes e AMADO, Janaina (org). In.: **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, pp. 43-62
- LE VEN, Michael Marie (e outros). “História oral de vida: o instante da entrevista”. In.: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. **Os desafios contemporâneos da História Oral**. Campinas: UNICAMP, 1997, pp. 213-222.
- PORTELLI, Alessandro. “O que faz a História Oral diferente”. In.: **Projeto História**. São Paulo, Fev. 1997, pp. 25-39.

THOMPSON, Alistair. “Quando a Memória é um campo de batalha: envolvimento pessoais e políticos com o passado do exército nacional”. In.: **Projeto História**. São Paulo, fev. 1998, pp. 277-296.

WALTER, Benjamin. “O narrador”. In.: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 197-221.

ZUMTHOR, Paul. “Tradição e Esquecimento”. São Paulo: HUCITEC, 1997.